



Padre Nosso – Relatos e Impressões Sobre Padre Aurélio Canzi¹

BASSETTO, Jaqueline²
KORB, Clemerson Antonio³
LAGO, Angie Schenkel⁴
HOFF, Rafael Sbeghen⁵
VIZZOTTO, Gisele⁶

UNOESC - Universidade do Oeste de Santa Catarina
Campus de São Miguel do Oeste

Resumo

Figura lendária por seus feitos, muito além de líder religioso Pe. Aurélio é considerado uma figura mítica pelos moradores da região Extremo Oeste catarinense. Primeiro sacerdote a fixar residência em São Miguel do Oeste, Pe. Aurélio chegou com a missão de administrar a recém criada Paróquia de São Miguel Arcanjo, no entanto, desempenhou o papel de médico, professor, carpinteiro além de ser uma espécie de advogado de seus paroquianos. Padre Aurélio era uma figura importante, haja vista, a relevância do trabalho por ele realizado nesta região, que à época de sua chegada, era inóspita, pouco habitada e de difícil acesso. Somando-se a esses fatores a população que não tinha acesso a escola e nem a cuidados médicos, enfrentava ainda, uma prolongada estiagem.

Palavras-chave

Padre Aurélio; relatos; impressões

O veículo

¹ Trabalho apresentado ao Intercom, na Divisão Temática de Jornalismo, do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

² Autora líder do trabalho e Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade do Oeste de Santa Catarina – Campus de São Miguel do Oeste. Atualmente é repórter do Jornal Regional em São Miguel do Oeste – Santa Catarina. Email: jaque_line08@yahoo.com.br

³ Co-autor do trabalho e Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade do Oeste de Santa Catarina – Campus de São Miguel do Oeste. Atualmente trabalha no setor de Obras da prefeitura de São Miguel do Oeste – Santa Catarina. Email: clemerson_korb@yahoo.com.br

⁴ Co-autora do trabalho e Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade do Oeste de Santa Catarina – Campus de São Miguel do Oeste. Atualmente trabalha no setor de comunicação da empresa CVL Máquinas em Anchieta – Santa Catarina. Email: angieschenkel@bol.com.br

⁵ Orientador do trabalho e professor de Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade do Oeste de Santa Catarina – Campus de São Miguel do Oeste. Email: rafael.hoff@yahoo.com.br

⁶ Co-autora do trabalho e Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade do Oeste de Santa Catarina – Campus de São Miguel do Oeste. Atualmente é repórter no Jornal Gazeta Catarinense de São Miguel do Oeste – Santa Catarina. Email: gisa@uhull.com.br



A televisão é um dos meios de comunicação mais populares no Brasil. Não somente por ser entretenimento, mas também pela gama de notícias e informações que se obtém por meio delas. Essa classificação está diretamente voltada à sensação de encanto que a televisão passa. Prado apud Rezende (2000) esclarece essa condição dizendo que “o importante não é o que se vê na televisão, mas o próprio ato de vê-la” (p.31). Com o intuito de possibilitar melhorias na qualidade da programação, novas tecnologias surgem diariamente. São essas tecnologias que fazem com que a programação televisiva seja atrativa e consiga segurar o telespectador o máximo de tempo possível em frente ao aparelho.

“Essa ação hipnótica exercida pela TV pode fazer com que um telespectador, inicialmente com a intenção de ver só um programa determinado, passe toda uma tarde ligado em um fluxo de imagens de gêneros de programas diferentes. A sensação de encantamento despertada pela experiência visual seria, por si, suficientemente compulsiva para mantê-lo preso diante do televisor”. (REZENDE, 2000: 31).

Na maioria dos lares brasileiros a televisão ganha destaque na sala das residências, algumas possuem até a sala da TV. Para Maciel (1995) o telespectador é seduzido por acreditar naquilo que vê na tela. “É uma relação quase mágica que o olhar estabelece entre o fato que é mostrado na tela da televisão e o telespectador que recebe a informação” (MACIEL, 1995: 16). Para o autor, na televisão o “ver” é muito mais importante do que o “contar” em outros veículos de comunicação. O autor considera ainda, que é o veículo de comunicação mais poderoso já inventado, principalmente no Brasil.

“Mas se não é ainda o veículo massivo predominante em termos estatísticos entre a população brasileira, a televisão é, certamente, o veículo mais poderoso e o que abrange o maior arco da sociedade. Há quem não leia jornais nem ouça rádio, mas dificilmente se encontrará, pelo menos nas sociedades com razoável nível de desenvolvimento, quem não veja televisão”. (MACIEL, 1995: 20)

Rezende (2000) aborda a TV como um elemento hipnótico, um aparelho que consegue prender a atenção dos espectadores durante horas. As opções apresentadas por esse veículo deixam o telespectador em uma situação na qual, em alguns casos, não consegue separar a realidade da ficção.



“O formato espetacular, comum às emissões de ficções e realidade, representa a fórmula mágica capaz de magnetizar a atenção de um público tão diversificado. O espetáculo destina-se basicamente à contemplação, combinando, na produção telejornalística uma forma que privilegia o aproveitamento de imagens atraentes – muitas vezes desconsiderando o seu real valor jornalístico – com um conjunto de notícias constituído essencialmente de fait divers. A prioridade que dá ao componente visual das mensagens de maneira a causar uma grande fascinação ao público, acentua a progressiva desvalorização do poder expressivo das palavras [...]” (REZENDE, 2000: 25-26).

No Brasil a TV é tão considerável que assume a condição de único acesso às notícias e ao entretenimento por grande parte da população. Rezende (2000) afirma que “em qualquer parte do mundo, a televisão ocupa um lugar privilegiado nos meios de comunicação” (p.23). São vários os fatores que desenham essa condição. Além disso, a televisão brasileira é uma ótima contadora de histórias. Ela não veio para substituir o rádio, cinema ou jornal, ela veio para ser um novo meio de comunicação que aprendeu com esses outros meios, já que seus profissionais, principalmente no início, vieram do rádio, jornal, teatro e cinema. E esse início é algo recente, pouco mais de 50 anos.

Squirra (1990) acredita ser impossível a realidade contemporânea sem a presença da televisão, e muito dificilmente deixará de ser um veículo de grandes massas. Para o autor essa popularização pode ser devida ao fato de ser um veículo que movimenta ao mesmo tempo dois dos mais importantes sentidos do corpo humano, a visão e a audição.

Para Bucci (1997), o jornalismo de televisão, em alguns casos, procura ser tão envolvente como uma história da ficção, como uma novela. O autor coloca que a TV é uma espécie de “ponto de encontro”. Acredita que de certa forma ela consegue “integrar a nacionalidade” do país. (BUCCI, 1997: 46).

A TV propicia aos telespectadores uma participação aparentemente instantânea e sem interferências, e conta como prova a imagem. Rezende acredita que esses talvez possam ser considerados os reais motivos responsáveis pela popularização e preferência do público pela TV em relação aos outros meios de comunicação.

O gênero jornalístico escolhido



A opção pelo documentário como gênero televisivo para esse trabalho, surgiu de forma espontânea no grupo. Sabe-se que temas históricos são ótimos assuntos para um documentário e que o tema regional pode ser muito bem inserido na TV local.

Escolhemos produzir um documentário que, segundo Bill (2007), é um gênero de difícil conceituação configurando-se em “uma representação do mundo em que vivemos” e não em uma reprodução da realidade visto que envolve questões autorais e comparativas. Além de caracterizar o documentário como um gênero de conceituação vaga, o mesmo autor, afirma ainda, que as produções diferem muito entre si, “que não adotam um conjunto fixo de técnicas, não tratam apenas de um conjunto de questões, não apresentam apenas um conjunto de formas e estilos” e conclui dizendo que, “a prática do documentário é uma arena onde as coisas mudam.” (BILL, 2007, p.48).

A seleção dos depoentes se deu no princípio da pesquisa sobre o tema do documentário, pois, como salienta McLeish (2001) é necessário “[...] sempre que possível, voltar às fontes, pessoas envolvidas, testemunhas oculares, aos documentos originais, e assim por diante” (p. 193).

Picoli, Hoffmann e Raddatz (2006) ressaltam que “no jornalismo, as fontes orais são e, de certa forma, sempre foram reconhecidas como a base da credibilidade das informações disseminadas” (s/p). Os autores ainda dizem que a oralidade, que confere “veracidade ao conteúdo, detalhamento e colaboram para a busca da tão pretendida objetividade jornalística” (s/p), não era considerada como documentação, mas hoje, já apresenta um caráter científico e é aceita como registro histórico em pesquisas sociais.

Quando Mcleish (2001) menciona sobre as impressões e verdades que devem ser cruciais no documentário, é ressaltado que a reconstrução de diálogos ou cenas que realmente aconteceram pode causar uma falsa impressão do assunto. Mas, são aceitáveis essas reconstruções quando o tema for histórico. Por isso, o grupo utilizou em partes do documentário, dramatizações para relatar alguns acontecimentos históricos e importantes sobre o tema.

Conforme Yorke (1998), em relação aos noticiários e programas de notícias, o documentário ganha em profundidade. O autor afirma que “[...] muitos têm “assinaturas” que torna possível ao repórter deixar de lado a imparcialidade exigida na programação diária em favor de uma visão pessoal raramente expressa”(p.168).

Melo, Gomes e Moraes (2001) afirmam que o documentário “[...] é um gênero fortemente marcado pelo “olhar” do diretor sobre seu objeto[...]" (s/p) e reforçam que o fato de o documentarista deixar clara sua posição e opinião sobre o assunto marca a



característica autoral do documentário e “[...] não depõe contra sua credibilidade[...]”. Yakhni (2003) corrobora a afirmação dizendo que o documentarista se situa como parte integrante do documentário que representa um fragmento do mundo histórico onde autor e espectador estão inseridos.

“O tratamento dispensado ao tema toma como baliza o aspecto autoral do cineasta, indispensável para qualquer documentário, que empresta ao filme uma singularidade própria. Através do caráter autoral, podemos adentrar novas zonas de significado e sentido, e dessa forma ter acesso a um determinado contexto que pode se apresentar plural e ambíguo – pré-requisitos-chaves para apreendemos a diversidade da natureza humana e social”. (SOUZA, 2006, p. 7)

Já Mcleish (2001), destaca que o principal objetivo do documentário é informar e mostrar uma história tendo como base a reportagem honesta e equilibrada. “Um documentário apresenta somente fatos, baseados em evidência documentada – registros escritos, fontes que podem ser citadas, entrevistas atuais e coisas do gênero” (p. 191).

Partindo da percepção de que o documentário repassa “[...] informações muitas vezes não compreendidas no jornalismo tradicional[...]” (RENÓ, 2008, s/p) se destaca a importância de produções como o tele-documentário ser desenvolvido na televisão aberta, pois “[...]essas informações poderão ser esclarecidas com maior eficácia e rapidez, estando ao alcance de todos”, (idem).

Deve-se levar em conta que a televisão é um excelente veículo para a transmissão de um documentário, pois tem o grande poder da imagem. Mas, infelizmente, no Brasil, ainda são poucos os canais abertos que divulgam esse tipo de produção (apenas a TV Cultura e a TVE) e os canais pagos, que se destacam com canais como *National Geographic* ou o *Discovery Channel*, estão fora do alcance de muitos brasileiros. Isso, segundo Renó (2008) parte a implicar na educação da população em massa:

“A problemática começa a tomar corpo com a realidade da educação brasileira. Segundo estudos publicados pelo INEP (Instituto Nacional de Educação em Pesquisa) em 2004, tendo como base números publicados pela UNESCO, em 2003, o Brasil ocupa o penúltimo lugar em alfabetização entre os países do Mercosul, estando à frente apenas do Paraguai. Esses dados justificam uma necessidade de contar com o conteúdo dos documentários na construção de uma melhor base de conhecimento do povo brasileiro através da televisão aberta” (s/p).



Devemos considerar também que não é possível colocar o real num todo em um documentário. Andacht (2005) diz que “[...]todo formato da mídia é uma representação ou signo do real[...]” (p. 104). E o autor ainda ressalta que a “visão” sobre o assunto, também deve ser levado em conta, pois, mesmo o documentário revelando o real, não é garantido que a realidade represente fielmente os fatos do mundo e que ajuda na sua compreensão. A questão do “real” também é um ponto de diferenciação entre o documentário e jornalismo comum. Souza (2006), destaca essa divergência:

“Vistos como um espaço para a materialização da realidade, documentário e jornalismo apresentam estruturas narrativas que se assemelham, mas que, devido ao processo de produção e à “voz” a qual representam, se mostram bastantes divergentes no que diz respeito à sua relação com o “real”” (p. 1).

Destaca-se o que Ramos (2001) diz, resumidamente, como o documentário é visto, “[...] um campo tradicional, com regras a serem seguidas. Extrapolar estas fronteiras é um atestado de inventividade e criatividade” (p. 2).

O Tema Escolhido

A região oeste de Santa Catarina teve, desde o início da colonização, uma forte influência do catolicismo. Conforme Manfroi (1975) “a religião católica foi o seguro e derradeiro sustentáculo a que os colonos peninsulares se apegaram para salvar sua própria identidade cultural” (MANFROI *apud* RADIN, 2001, p.135).

Radin (2001), afirma que o catolicismo se constitui numa das bases da organização social das comunidades ítalo-brasileiras do oeste catarinense, onde a religião “é identificada como parte de sua cultura e da própria identidade étnica” (p. 136). Tal era a importância da religião para as novas comunidades que, tão logo surgissem, as famílias reunidas providenciavam a construção de uma capela. Imediatamente transformava-se no centro da vida social religiosa. A presença de um padre na comunidade, portanto, era determinante na escolha dos colonos pelo local para fixar residência. Partindo desta constatação, é possível avaliar o que representou a chegada de Padre Aurélio Canzi à Vila Oeste para os moradores de São Miguel do Oeste, na época, ainda Vila Oeste, e outros municípios vizinhos.



Aurélio Ângelo Canzi nasceu em 13 de setembro de 1914, na Linha 90, município de Garibaldi (RS). Foi o sexto dos onze filhos de José e Catharina Canzi e demonstrou a intenção de seguir a vida religiosa desde a infância. Ingressou no Seminário Menor São José, de Santa Maria (RS) aos 14 anos e ordenou-se sacerdote em 1943.

Em 09 de Dezembro de 1926, o bispo da Diocese de Florianópolis, Dom Joaquim Domingues de Oliveira assinou o ato de criação da primeira paróquia do oeste catarinense, que, segundo Fiorini (1999) “abrangia todo o território compreendido: do Rio Uruguai até a divisa com o Paraná e do Rio Peperi-Guaçu (divisa com a Argentina) até a área da atual Diocese de Chapecó” (p.30), denominada São Pedro Canísio. A sede da paróquia era a localidade de Porto Novo, atual município de Itapiranga (SC).

Desde sua ordenação, Padre Aurélio trabalhava na Prelazia⁷ de Palmas (PR). A opção do sacerdote pelo lugar se deu pelo fato de que sua vontade “era de trabalhar com índios” (idem, p.28) que, naquele período, representavam 50% da população residente na Prelazia. Com a criação da Paróquia de São Miguel Arcanjo, em 09 de abril de 1950, os destinos de Padre Aurélio e dos moradores da região começavam a entrelaçar-se.

“O povo estava esperando, esperando”, conta Roma Chittó (2008) em referência à expectativa da vinda de um sacerdote para Vila Oeste. E foi na noite de 05 de fevereiro de 1944 que o tão aguardado sacerdote chegou. Foi acolhido pela família Molin, que o hospedou por 18 meses. “Os pioneiros agora já tinham um mensageiro de Deus. Tinham um religioso com quem contar em todos os seus momentos [...] e isso os deixava fortalecidos”. (FIORINI, 1999, p.71)

Quando da chegada de Padre Aurélio em São Miguel do Oeste, havia 17 famílias estabelecidas no lugar, totalizando 85 moradores, que enfrentavam uma prolongada estiagem que transformava a paisagem. Nas palavras do próprio sacerdote, uma visão nada animadora para quem chegava. “Foi preciso ter coragem para permanecer aqui, em vista da esperança no futuro”. (CANZI apud FIORINI, 1999, p.49).

Padre Aurélio foi o vigário de São Miguel do Oeste de 1944 até 1976. Neste período, conforme Spenassatto (2008), desempenhou as funções de conselheiro, professor e médico visitando seus paroquianos, mesmo em lugares quase inacessíveis, atendendo-os sob quaisquer circunstâncias e em qualquer horário que o chamassem. Soube valorizar e estimular a coragem empreendedora dos primeiros colonizadores da

⁷ Prelazia: Cargo, dignidade ou jurisdição de prelado. Território sobre o qual se exerce a jurisdição do prelado.



região para que juntos pudessem construir escolas e hospitais. Faleceu em 1990, quando tinha 75 anos de idade e sua história confunde-se com a de São Miguel do Oeste.

Referências bibliográficas

ANDACHT, Fernando. **Formas documentárias da representação do real na fotografia, no filme documentário e no reality show televisivo atuais**. Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/andacht-fernando-formas-documentarias-da-representacao-do-real-na-fotografia.pdf>>. Acessado em 21 de outubro de 2008.

BILL, Nichols. **Introdução ao documentário**. 2.ed. São Paulo: Papyrus, 2007.

BUCCI, Eugênio. **Brasil em Tempo de TV**. 3ª Edição. São Paulo: Boitempo Editorial, 1997.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

DE BONA, Avelino. **Evolução histórica de São Miguel do Oeste-Sc**. São Miguel do Oeste, SC: McLee, 2004.

GASKELL, George; BAUER, Martin W. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica**. *Rev. katálysis*, 2007, vol.10, p.37-45. Disponível em: <<http://www.scielo.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/>>. Acessado em 29 de setembro de 2008.

MACIEL, Pedro. **Jornalismo de Televisão: normas práticas**. Porto Alegre: Sagra:DC Luzzatto, 1995.

MOURA, Hudson. **Oralidade e Fabulação no Cinema Documentário**. 1997. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/_listas/tematica.php?codtema=42>. Acessado em 19 de outubro de 2008.



RADIN, José Carlos. **Italianos e ítalo-brasileiros na colonização do oeste catarinense**. 2. ed., rev. e ampliada. Joaçaba, SC: UNOESC, 2001.

RAMOS, Fernão Pessoa. **O que é um documentário**. Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação. Disponível em < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/pessoa-fernao-ramos-o-que-documentario.pdf>>. Acessado em 22 de outubro de 2008.

RENÓ, Denis P. **Documentário na TV**: o passado que transforma a modalidade em fonte de informação à grande massa. Guion actualidad, v. 01, p. 01-12, 2008. Disponível em: <http://www.comtec.pro.br/prod/artigos/denis_doctv.pdf>. Acesso em 22 de outubro de 2008.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil**: um perfil editorial. 2. ed. São Paulo: Summus, 2000.

SQUIRRA, Sebastião Carlos de M. **Aprender Telejornalismo**: produção e técnica. 1ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1990

SOUZA, Gustavo. **Aproximações e divergências entre documentário e jornalismo**. 2006. Disponível em: <http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNIrev_Souza.pdf>. Acesso em: 22 de outubro de 2008.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

YAKHNI, Sara. **O Eu e o Outro no Filme Documentário: uma possibilidade de encontro**. 2003. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/_listas/tematica.php?codtema=42>. Acesso em 10 de outubro de 2008.

YORKE, Ivor. **Jornalismo diante das câmeras**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1998